



Campus III – Guarabira/PB
Departamento de Língua Portuguesa
Curso De Licenciatura Plena em Língua Portuguesa

ELISANGELA RODRIGUES DE SENA SILVA

LITERATURA PARA TODOS: FORMAÇÃO DO CIDADÃO CRÍTICO
VISANDO AO PÚBLICO DA EJA.

Guarabira – PB
2014

ELISANGELA RODRIGUES DE SENA SILVA

LITERATURA PARA TODOS: FORMAÇÃO DO CIDADÃO CRÍTICO
VISANDO AO PÚBLICO DA EJA.

Artigo apresentado à Coordenação do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III em cumprimento aos requisitos para a obtenção do grau de licenciada em Letras – habilitação em Língua Portuguesa.

Orientador: Prof^ª Dra. Wanilda Lima Vidal de Lacerda

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586l Silva, Elisângela Rodrigues de Sena
Literatura para todos [manuscrito] : formação do cidadão crítico visando ao público da EJA / Elisangela Rodrigues De Sena Silva. - 2014.
19 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em LETRAS) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.
"Orientação: Wanilda Lima Vidal de Lacerda, Departamento de Letras".

1. Literatura. 2. Leitura. 3. Educação, Jovens e Adultos. I.
Título.

21. ed. CDD 374

ELISANGELA RODRIGUES DE SENA SILVA

LITERATURA PARA TODOS: FORMAÇÃO DO CIDADÃO CRÍTICO
VISANDO O PÚBLICO DA EJA. Artigo apresentado à Coordenação do Curso de
Letras do Centro de Humanidades da UEPB, em cumprimento aos requisitos para
obtenção do grau de Licenciada em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa.

Aprovado em 03 de dezembro de 2014

BANCA EXAMINADORA

Wanilda Lima Vidal de Lacerda

Profª. Dra. Wanilda Lima Vidal de Lacerda
Orientadora

Marilene Carlos do Vale Melo

Profª. Dra. Marilene Carlos do Vale Melo
Examinador

Cleuma Regina Ribeiro da Rocha Lins

Profª. Cleuma Regina Ribeiro da Rocha Lins
Examinador

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1. HISTÓRIA DA EJA – EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....	09
2. A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NA FORMAÇÃO DO LEITOR DE EJA.....	10
3. O PROFESSOR E SUAS PRÁTICAS LITERÁRIAS	12
CONSIDERAÇÃO FINAIS.....	15
REFERÊNCIAS.....	16
ANEXOS.....	17

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar o uso da leitura literária na formação de um cidadão crítico em turma da EJA (Educação de Jovens e Adultos). A leitura literária deveria estar presente no dia a dia dos seres humanos e intensificando sua grande importância na formação do educando. Pois, é por meio dela que melhor refletimos, nos comunicamos, viajamos na imaginação... Minha intenção não é dar uma receita de como trabalhar o literário com jovens e adultos, muito menos discutir o que é ou não literatura para este público, mas sim parar e refletir sobre o histórico de importância que se dá ao gênero neste momento de vida e de formação dos jovens. Este artigo não discutirá uma Obra Literária em específico e, sim, versará sobre o histórico da Educação de Jovens e Adultos; a importância da literatura na formação do leitor da EJA e também sobre as práticas docentes com o texto literário em sala de aula. Sabemos que não é um manual a se seguir, mas é uma maneira de refletirmos sobre as práticas educativas em sala de aula. Neste artigo, podemos compreender a relevância da Literatura como um dos fatores primordiais para a leitura que deve se tornar um exercício constante na prática docente e discente. Saber escolher uma boa Obra Literária para trabalhar com essa clientela faz parte do processo letrado, o qual indagaremos no entorno deste contexto. A redação deste artigo trata a Literatura como tema, mas não discutirá uma obra em específico, abordará sobre práticas docentes com o texto literário em sala de aula, mas não é uma receita. É apenas a minha visão e reflexão, sobre algumas práticas de ensino em turmas de EJA. Para realização deste artigo, fundamentamo-nos nos autores: Miguel Gonzalez Arroyo (2005/2005); Mario Vargas Llosa (2003); Gabriel García Márquez (1998); Isabel Solé (1998); Regina Zilberman (2008); Ezequiel Theodoro da Silva (2008); *Parâmetros Curriculares Nacionais* (2001); Paulo Freire (1996); e na *Constituição Brasileira de 1988* (2004). O referido trabalho encontra-se dividido em três partes: na primeira abordamos a história da EJA – Educação de Jovens e Adultos, na segunda parte, a importância da literatura na formação do leitor de EJA e por fim, uma breve reflexão sobre o professor e suas práticas literárias. Portanto, essa é apenas uma reflexão sobre a leitura literária na Formação do Cidadão Crítico Visando o Público da EJA.

Palavras - chave: Literatura, Leitura, Educação, Jovens e Adultos.

INTRODUÇÃO

Este artigo surgiu das inquietações que emanam da ação docente com relação aos estudos que demonstram que há usos sociais de letramento literário de diferentes maneiras e que há diferentes leitores/escritores nos mais diversos meios socioeconômicos e culturais.

Minha intenção durante a execução deste trabalho é discutir de que forma Literatura é importante na formação de um sujeito leitor, bem como o processo pelo qual o professor deve proceder às práticas literárias de maneira que as leituras dos alunos, os textos que não são cânones, façam parte da rotina de sala de aula. Também, que o professor sensibilize suas turmas, no que diz respeito aos textos que circulam atualmente, para que, de fato, contribuam para o conhecimento e o que é mera informação, possa tornar-se formação na cabeça dos nossos jovens e adultos. E, principalmente, que o professor reflita se sua forma de lidar com a literatura agrega conhecimento ou se apenas informa fatos literários.

Sabemos que ensinar a ler não é exclusividade do professor de Língua Portuguesa, mas de todos os professores que têm compromisso com a educação, pois o mau uso dessa habilidade acaba dificultando a interpretação de questões de outras disciplinas. É de extrema importância que compreenda a Literatura como uma ferramenta de trabalho, facilitadora na difícil tarefa de criar uma cultura de Jovens e Adultos letrados.

Portanto, para tornar o aluno um leitor crítico, é necessário não apenas alfabetizá-lo pela decodificação de sinais e símbolos, mas ajudá-lo a entender algumas características da linguagem, as quais mudam conforme o gênero do texto, dando sentido ao que foi lido, capacitando-o a fazer também uma melhor leitura de mundo, das palavras escritas, das imagens... Para isso, é preciso que os educadores repensem a sua prática pedagógica nos aspectos da leitura e os educando, sua prática social, na vivência cotidiana.

Para realização deste artigo, fundamentamo-nos nos autores: Miguel Gonzalez Arroyo (2004/2005); Mario Vargas Llosa (2003); Gabriel García Márquez (1998); Isabel Solé (1998); Regina Zilberman (2008); Ezequiel Theodoro da Silva (2008); *Parâmetros Curriculares Nacionais* (2001); Paulo Freire (1996); e na *Constituição Brasileira de 1988* (2004). O referido trabalho, encontra-se dividido em três partes: na primeira abordamos a história da EJA – Educação de Jovens e Adultos, na segunda parte, a importância da literatura na formação do leitor de EJA e por fim, uma breve reflexão sobre o professor e suas práticas literárias. Portanto, essa é apenas uma reflexão sobre a leitura literária na Formação do Cidadão Crítico Visando o Público da EJA.

1. HISTÓRIA DA EJA – EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

A Educação de Jovens e Adultos nasceu de forte mobilização popular, frente a movimentos de cultura e educação espalhando-se por todo país. Tendo como seu grande pioneiro o renomado mestre, Paulo Freire, que trazia em seus métodos a principal característica da EJA “o sujeito como ator de seu próprio aprendizado”, educando para conscientização, pela formação de sujeitos críticos, educação pela liberdade.

A EJA teve as seguintes distinções nomeadas de diferentes formas, como por exemplo, MOVA (Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos), Supletivo e o SEJA (Secretaria de Jovens e Adolescentes). Dentre as fortes mobilizações sociais da década de 60, entre outros fatores anteriores da história social brasileira e mundial, a escolarização de jovens e adultos passou a ser uma preocupação dos governantes, na formação de um povo que possua o domínio da leitura e da escrita, para o entendimento de novas técnicas. Sobre esta abordagem, Arroyo (2005, p.21) argumenta que:

[...] poderíamos encontrar outros indicadores de que estamos em um tempo propício para a reconfiguração da EJA. Um dos mais promissores é a constituição de um corpo de profissionais educadores (as) formados (as) com competências específicas para dar conta das especificidades do direito à educação na juventude e na vida adulta.

O Brasil tem se empenhado, em seu meio social e político, com avanços que auxiliem na edificação de condições para a alfabetização social e o verdadeiro exercício da cidadania. Contudo, sabemos do enigma existente em muitas ações educativas, no momento de fazer uso real do que prevê a legislação quanto a EJA. Podemos perceber que, as políticas compartilhadas são implantadas nas instituições de ensino sem aviso prévio, ou seja, sem a preparação daqueles que irão atuar sobre elas. É notável a necessidade de uma preparação da escola para o desenvolvimento dessa modalidade, é indispensável à constituição de um corpo docente especializado e disposto a trabalhar diretamente com as especificidades da EJA.

Já no final da década de 50 e início da década de 60, começaram a surgir movimentos de base voltados para a alfabetização de adultos. Como se pode notar, esses movimentos, paralelos à ação governamental, consistiam da ação da sociedade civil, que ansiava por uma mudança no quadro socioeconômico e político. Sob essa perspectiva, diversos grupos de educadores encontram a oportunidade de manifestar sua preocupação com a questão da alfabetização e a educação dos adultos. Cumpre analisarmos, que nesse momento, essa preocupação era geradora de novos métodos para a alfabetização, o analfabetismo não é mais

visto como causa da situação de pobreza, mas como efeito de uma sociedade que tem como base a injustiça e a desigualdade.

A escola ainda segue o princípio de que o jovem a frequenta para ser alguém na vida e deixa de lado o que já é. Sobre isto, Arroyo (2004, p.36) afirma que: “Se os professores exigem que os alunos respeitem a imagem dos mestres, estes também terão de começar rever a imagem que se fazem dos alunos educados”. Para haver esta mudança é necessária uma organização harmônica entre alunos e professores, os quais são os principais atores desta história.

Por fim, fazendo um comparativo com a realidade atual, percebemos que a maioria dos programas do Ensino de Jovens e Adultos atua em parceria com governos Estaduais, Municipais, empresas privadas e Sociedade Civil. Não há, portanto, uma política efetiva de financiamento do Estado direcionada a esta Modalidade de Ensino. Dessa forma, a história da Educação de Jovens e Adultos tem apresentado variações ao longo do tempo, demonstrando serem estreitamente ligadas às transformações sociais, econômicas e políticas que caracterizam os diferentes momentos históricos do Brasil.

2. A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NA FORMAÇÃO DO LEITOR DE EJA

A literatura em sala da EJA é muito importante, pois, é um instrumento que satisfaz as necessidades do aluno, permitindo-lhe assumir uma atitude crítica em relação ao mundo, advinda das diferentes mensagens e indagações que ela oferece. Jacinto do Prado Coelho, escrevia “não há disciplina mais formativa que a do ensino da literatura. Saber idiomático, experiência prática e vital, sensibilidade, gosto, capacidade de ver, fantasia, espírito crítico - a tudo isso faz apelo à obra literária, tudo isto o seu estudo mobiliza”.

O autor foi muito feliz em suas palavras. Pois, realmente a literatura nos proporciona toda essa gama de conhecimentos e mais, nos leva a uma viagem imaginária que só a leitura literária é capaz de proporcionar ao leitor. Na obra de *Mário Quintana* (1971) ele diz: “O leitor que mais admiro é aquele que não chegou até a presente linha. Neste momento já interrompeu a leitura e está continuando a viagem por conta própria”.

Nos últimos anos a literatura tem sido bastante discutida, para a conscientização dos leitores e melhor desenvolvimento da literatura é pertinente à reafirmação de sua importância em qualquer fase do ensino educacional. Antonio Cândido (2000) diz que a literatura não corrompe nem edifica, mas humaniza em sentido profundo porque faz viver. E afirma: (2000)

“A literatura pode formar; mas não segundo a pedagogia oficial. [...], ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa com ela. Dado que a literatura ensina na medida em que atua com toda a sua gama, é artificial querer que ela funcione como os manuais de virtude e boa conduta. E a sociedade não pode senão escolher o que em cada momento lhe parece adaptado aos seus fins, pois mesmo as obras consideradas indispensáveis para a formação do moço trazem frequentemente aquilo que as convenções desejariam banir [...]. É um dos meios por que o jovem entra em contato com realidades que se tenciona escamotear-lhe.

Percebendo a importância da literatura como formadora do ser humano, a partir da afirmativa de Antônio Candido, ela tem também a *função social*. Ela retrata a realidade vivenciada do homem, ou seja, na literatura estão as verdades de uma mesma condição humana, o que possibilita ao homem, refletir sobre seu Universo existencial.

Ler uma obra literária é criar consciência do que somos, é enxergar o mundo em que habitamos e poder ter atitudes que ajudem a transformá-lo no mundo em que gostaríamos de viver.

Sobre a importância da literatura na formação da sociedade, encontramos na internet um texto do escritor peruano Mário Vargas Llosa (Ver. *Seleções Reader's Digest*, 2013) que vem ao encontro do aqui exposto. Na narrativa, o autor discorre sobre a importância do exercício literário, apresentando alguns argumentos contra a ideia da literatura como mero passatempo, evidenciando a leitura como uma atividade insubstituível para a formação de cidadãos na sociedade moderna e democrática.

Observando a seguir o que Solé (1998: p. 65) nos diz com relação ao aprendizado da leitura com relação a algum procedimento de aprendizagem,

Aprender a ler não é muito diferente de aprender outros procedimentos ou conceitos. Exige que a criança possa dar sentido àquilo que se pede que ele faça que disponha de instrumentos cognitivos para fazê-lo e que tenha a seu alcance a ajuda insubstituível do seu professor, que pode transformar em um desafio apaixonante o que para muito só um caminho duro e cheio de obstáculos.

Podemos dizer que os jovens e adultos também não são diferentes, devem ser desafiados prazerosamente pelo professor na construção do processo de aprendizagem da leitura, associando os códigos linguísticos ao sentido daquilo que acabou de ler. Sabemos que a leitura envolve processos de produção de sentidos. Nesta perspectiva, o leitor/interlocutor experimenta um novo mundo, olhares inéditos, novas sensibilidades pela viagem que faz mentalmente enquanto ler.

A preocupação com a formação do leitor e os níveis de leitura dos alunos da EJA no país, responde pelo fato de encontramos um grande número de analfabetos nesta faixa etária.

Adultos, anteriormente “expulsos” da escola, retornam os estudos com a crença de que nada sabe e que deve aprender com o professor, legítimo detentor do conhecimento válido, almejando as mesmas práticas de quando saiu da escola, ainda que estas sejam, em boa parte, as responsáveis por seu anterior fracasso escolar. Muitas vezes o professor não corresponde a essa expectativa do aluno, levando-o a fracassar mais uma vez.

Sabemos que a leitura de obras literárias em sala de aula representa uma atividade de grande importância, principalmente para o público de jovens e adultos. Essa clientela está voltando à escola para tentar recuperar o tempo perdido ou por ter sofrido restrições por não ser um leitor. E com estudo da literatura em sala de aula, podem interagir e compreender o mundo a sua volta e sua própria formação social.

Contemplando esse pensamento, Vargas (1955, p.6) diz: "ler para mim, sempre foi um ato de conhecimento e, conseqüentemente, de prazer". Daí a importância da leitura literária na vida das pessoas, do aluno da EJA, do professor e outros leitores por uma sociedade que apresenta inúmeras formas de linguagem e informações, exigindo cada vez mais autonomia e criticidade.

A literatura não deve ser tratada pela escola, e principalmente na EJA, como algo morto sem nenhuma conexão com o dia a dia dos alunos, pelo contrário, esta lhes deve ser apresentada como meio de ascensão pessoal e social. As obras literárias precisam ocupar um espaço permanente nas escolas e nas famílias. Só assim, a literatura fará parte da formação de jovens e adultos.

3. O PROFESSOR E SUAS PRÁTICAS LITERÁRIAS

O estudante da EJA necessita de incentivo para continuar seus estudos face ao tempo antes perdido. Eles precisam acreditar que a renovação dos sonhos é possível com o prosseguimento de seus estudos sequenciais e o despertar pelo gosto da leitura. Mesmo quando conscientes da importância do estudo do texto literário em sala de aula, eles não o buscam ou não lhes são repassadas as informações de modo esperado, fazendo-se necessário um trabalho melhorado e de inclusão da leitura literária em sala de aula. São novos desafios da Educação de Jovens e Adultos, considerando a prática literária do professor da EJA em especial a importância da literatura na formação do aluno leitor.

O professor é um leitor erudito, mas se é um leitor fechado à presença de informações explícitas, não leva o aluno, principalmente da EJA cuja bagagem estudantil é de fracasso a realizar uma reflexão. O educando não se sente motivado à leitura, à comunicação, ao

diálogo. Ou seja, suas propostas de leitura, ao invés de formar leitores, os afastam da literatura.

O maior problema, no entanto, é quando o professor não é leitor. Onde está aquele mestre que chega à sala de aula carregando livros? Onde está aquele professor que declama um soneto para seus alunos de olhos fechados e com um sorriso nos lábios? O professor precisa ser verdadeiro e mostrar paixão por aquilo que faz. Ele precisa ser referência. São raros estes professores. E esta tarefa não é só do professor de língua, mas de todas as áreas.

Na realidade, sabemos que muitos professores não leitores é que são formadores, estão dentro da sala de aula ensinando literatura principalmente para jovens e adultos. Não lêem porque “não têm tempo”, porque não têm uma história de leitura e/ou porque não gostam. Percebemos isto nas suas práticas literárias de sala de aula, na forma como abordam a leitura literária, na sua metodologia para a construção de sujeitos leitores, no seu discurso repetindo práticas que formarão alunos copiadores, sem singularidade.

“Tenho muito respeito, e, sobretudo, grande carinho pelo ofício de professor, e por isso me dói que eles também sejam vítimas de um sistema de ensino que os induz a dizer bobagens. Uma das pessoas inesquecíveis para mim é a professora que me ensinou a ler aos cinco anos. Era uma moça bela e sabia que não pretendia saber mais do que podia, além disso, era tão jovem que com o tempo acabou sendo menor que eu. Foi ela quem nos lia em aula os primeiros poemas que ficaram na minha memória para sempre. Lembro, com a mesma gratidão, do professor de literatura do ensino fundamental, Don Carlos Julio Calderón, um homem modesto e prudente que nos levava pelo labirinto dos bons livros sem interpretações mirabolantes. Este método nos permitia uma participação mais pessoal e livre pelos meandros da poesia. Em síntese: um curso de literatura não deveria ser mais que um bom guia de leituras. Qualquer outra pretensão não serve para nada além de assustar as crianças. Creio eu, aqui dos bastidores.” (MÁRQUEZ, 1998, p. 51).

Refletindo um pouco sobre o pensamento do autor Gabriel García Márquez é uma realidade que não atingiu apenas ele e sim atinge até hoje vários educandos. O sentimento do autor, exposto acima, resume como deve atuar o professor que visa à leitura literária e suas práticas ao longo dos anos. O professor precisa estar consciente do seu papel na formação do aluno em busca da formação de leitor.

Entretanto, não basta simplesmente essa consciência, e sim, fazer com que o aluno perceba e possa tê-lo como exemplo a ser seguido. Precisa despertar o senso crítico e reflexivo a partir do incentivo constante. Outro aspecto fundamental que diz respeito à motivação, é que o professor não pode nem deve somente agregar conteúdos selecionados pelos livros didáticos. Cabe ao professor trabalhar a diversidade textual, e ou gêneros. Mesmo

os conteúdos curriculares devem ser trabalhados de forma que os alunos possam compreender, interagir e situar-se dentro do contexto desejado.

Não sabemos quem é o “culpado” pela crise no ensino de literatura no nosso País se é o professor, ou se este também é vítima do Sistema Pedagógico distorcido em que nos encontramos, um Sistema que se reflete nas Práticas Pedagógicas. O professor, partidário da norma, não se interessa pela história de leitura dos alunos, tampouco busca construir uma. O literário é imposto. E que literário é esse? Os Clássicos da Literatura Brasileira. .

A literatura necessariamente tem que ser aplicada de forma prazerosa, instigante, fazendo com que o aluno se sinta parte integrante da obra literária. Pois, ao contrário, o estudo de obras literárias em sala de aula deixa de ser educativa e passa a ser um fardo tanto para os alunos como para os professores. A literatura dá forma aos problemas que estão alojados no coração do indivíduo, é às fantasias. Através dela, o leitor compreende às suas angústias por meio de ações e figuras, bem como “viaja” em suas fantasias. Assim, a pessoa “tem condições de entender suas próprias dificuldades, refletir sobre elas, buscar um caminho para seus dramas pessoais ou sociais” (ZILBERMAN e SILVA, 2008, p. 56-57). Segundo Regina Zilberman e Ezequiel Theodoro da Silva em sua obra *Literatura e Pedagogia: ponto & contraponto*

O exercício da leitura do texto literário em sala de aula pode preencher esses objetivos, conferindo à literatura outro sentido educativo, talvez não o que responde a intenções de alguns grupos, mas o que auxilia o estudante a ter mais segurança relativamente às suas próprias experiências. (ZILBERMAN; SILVA, 2008, p. 54)

O professor educador precisa conduzir, mostrar que mudanças são possíveis a partir de ações humanas. E a leitura de textos literários desempenha papel fundamental na formação do cidadão leitor. O leitor da EJA necessita de uma leitura libertadora. E esta leitura ele encontrará também em obras literárias, ou seja, na ficção. Nela há elementos que expressem seu mundo interior. Por isso é que “leituras significativas confundem-se com nosso cotidiano, tornam-se lembranças perenes, explicam nossa própria vida” (ZILBERMAN ; SILVA, 2008, p. 59).

As atividades pedagógicas, muitas vezes, provocam tédio nos alunos. Por que isso acontece? Acredito que são vivenciadas com aprisionamento, controle e obrigação. Foi desta forma que ouvi relatos de estudantes da EJA durante meu estágio. Ao expor seu ponto de vista, os alunos pareciam angustiados por não entenderem o porquê de ir à escola. Parecia que a leitura ficava do lado de fora, não adentrava a sala de aula e com isso eles se sentiam incapazes de responder os questionamentos feitos pelo professor. Alguns professores não

incorporam a leitura ao universo do ensino. Sabemos que o leitor consegue ir mais longe através da diversidade de leitura que permite que ele pense o pensamento do outro. Isso é aprendizagem.

Para formar leitores, a escola na figura do professor precisa transformar aquilo que vem de dentro, suscitado pelo literário, no que vai ser colocado para fora, dentro da sala de aula. Ao invés de ensinar literatura, necessitamos aprender com ela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos dados obtidos através desta pesquisa, pudemos constatar que, os alunos da Educação de Jovens e Adultos buscam, através da sala de aula, o aperfeiçoamento de sua prática na leitura para uma melhor aplicabilidade de sua participação na sociedade. No entanto, percebe-se ainda, um grande desafio a ser enfrentado pelos professores, no que diz respeito ao aprimoramento dessa prática.

Faz-se necessário investir mais na autoimagem leitora de cada indivíduo da EJA e na sua autoestima, pois a maioria deles não se sente capaz e diz que tem a memória “curta”, segundo os mesmos “não dá mais para aprender”. Por isso, cabe ao professor adotar diversas estratégias para um melhor acompanhamento e desmembramento desse processo, viabilizando um trabalho interativo, criando as condições indispensáveis para que o aluno desenvolva cada vez mais sua capacidade de compreender os textos literários e construir/elaborar no âmbito escolar ou fora dele pensamentos críticos e reflexivos, sem medos ou inseguranças de errar.

No tocante a fala dos alunos constatou-se também que a leitura pode ocasionar várias mudanças no indivíduo, desde ler um rótulo de um produto no supermercado, com precisão, ter facilidade em pegar um ônibus, ler uma carta de familiares, até utilizar recursos tecnológicos oferecidos pela informática.

A sala de aula é um espaço físico como qualquer outro, porém é nela que se vislumbra a possibilidade de aprender a ler com prazer. O leitor precisa entender o texto, caminhar nas entrelinhas e a fazer uma viagem introspectiva enquanto estar lendo.

Em suma, atender a demanda da EJA, no contexto escolar, requer dos educadores o entendimento de princípios e aspectos imprescindíveis para o desenvolvimento integral das potencialidades leitora de cada um dos educandos. Os educadores precisam entender a leitura

como primordial na formação de cidadão, mas o professor, este, precisa ser um apaixonado, ser um verdadeiro leitor para poder contribuir na formação do indivíduo leitor.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, Miguel Gonzalez. *Educação de jovens e adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública*. In: SOARES, Leôncio et. AL Diálogos na educação de jovens e adultos. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 21.
- -----*Imagens Quebradas: Trajetórias e tempos de alunos e mestres*. Petrópolis: Vozes, 2004.P.36.
- BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. São Paulo, Ed. Saraiva, 2004.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. 6. Ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.
- Fonte:<http://culturadetravesseiro.blogspot.com.br/2008/12/recantodasletras.uol.com.br/ensaios/126258/AngelaFranciscaMendez/AImportancia-daLiteratura/18/11/2014>.
- Fonte:<http://literatura.uol.com.br/literatura/figuras-linguagem/37/artigo225090-2.asp/LucianaDanieleCosta/Aimportancia-daLiteratura-naSala-deAula/Revistaliteratura/18/11/2014>.
- Fonte:<http://www.substantivoplural.com.br/a-importancia-da-literatura/#more-22513/MarioVargasLlosa/Sobre-aLiteratura/19/11/2014>.
- Fonte:<http://www.webartigos.com/artigos/a-leitura-literaria-e-a-formacao-do-leitor/52155/TeonizaLeiteAmorim/ALeituraLiteraria-e-aFormacao-doLeitor/19/11/2014>.
- Fonte:<http://www.webartigos.com/artigos.com/artigos/educacao-de-jovens-e-adultos-ontem-e-hoje/52171/TeonizaLeiteAmorim/Educacao-de-Jovens-e-Adultos:Ontem-e-Hoje/19/11/2014>.
- PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS DO ENSINO MÉDIO: LINGUAGENS, CÓDIGOS E SUAS TECNOLOGIAS. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf>. Acesso em: 21 de maio de 2013.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- MÁRQUEZ, Gabriel García. “La poesía al alcance de todos”. In: *Antología de Lecturas amenas*. Darío Jaramillo Agudelo (org.). Bogotá: Carlos Valencia Editores, 1998.
- Fonte: REVISTA, Seleções Reader's Digest. O título original é "*Um mundo sem romances*". Mario Vargas Llosa é escritor peruano. Março de 2003 (<http://www.selecoes.com.br>) /17/11/2014.

- SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*/trad. Cláudia Schilling – 6.ed. – Porto: ArtMed,1998.p.65.
- ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Literatura e Pedagogia: ponto & contraponto*. Porto Alegre: Global, 2008.

ANEXOS

A Importância da Literatura por Mario Vargas Llosa



Em feiras de livros ou mesmo livrarias, frequentemente alguém se aproxima pedindo-me autógrafo. “É para minha mulher, filha ou mãe”, explica. “Ela adora ler!” De pronto pergunto: “E o senhor? Não gosta de ler?” E a resposta é quase sempre a mesma: “Gosto, mas sou muito ocupado”.

Já ouvi essa explicação dezenas de vezes. Esse homem - e milhares outros como ele - tem tantos afazeres importantes, tantas obrigações e responsabilidades, que não pode perder seu precioso tempo mergulhado num romance.

Segundo esse raciocínio, a literatura seria uma atividade dispensável, uma diversão que somente pessoas com muito tempo livre poderiam se permitir.

Gostaria de apresentar alguns argumentos contra a ideia da literatura como passatempo e em prol de considerá-la, além de uma das ocupações mais estimulantes e enriquecedoras do espírito humano, uma atividade insubstituível para a formação de cidadãos na sociedade moderna e democrática. Por essa razão, ela deveria ser semeada nas famílias desde a infância e fazer parte de todos os programas educacionais.

Vivemos numa era de especialização em virtude do extraordinário desenvolvimento da ciência e da tecnologia, e da conseqüente fragmentação do conhecimento em incontáveis avenidas e compartimentos.

A especialização traz benefícios. Possibilita pesquisa e experimentos, e é a força motriz do progresso. Mas também destrói os denominadores comuns culturais que permitem a coexistência, a comunicação e a solidariedade. E leva à separação dos seres humanos em guetos culturais de especialistas, confinados - pela linguagem, por códigos de conduta e pelo conhecimento particularizado - a uma especificidade contra a qual um antigo provérbio já nos advertia: não se concentre tanto na folha, a ponto de esquecer que ela é parte da árvore e esta, da floresta.

Em grande medida, a noção da existência dessa floresta depende do senso de conjunto que une a sociedade e não a deixa se desintegrar numa centena de especificidades. A ciência e a tecnologia, portanto, já não podem desempenhar esse papel unificador da cultura.

A literatura, por sua vez, foi e, enquanto existir, continuará sendo um denominador comum da experiência humana. Aqueles de nós que leram Cervantes, Shakespeare, Dante ou Tolstoi entendem uns aos outros e se sentem indivíduos da mesma espécie porque, nas obras desses escritores, aprenderam o que partilhamos com seres humanos, independentemente de posição social, geografia, situação financeira e período histórico.

Nada nos protege melhor da estupidez do preconceito, do racismo, da xenofobia, do sectarismo religioso ou político e do nacionalismo excludente do que esta verdade que sempre surge na grande literatura: todos são essencialmente iguais. Nada nos ensina melhor do que os

bons romances a ver nas diferenças étnicas e culturais a riqueza do legado humano e a estimá-las como manifestação da multifacetada criatividade humana.

Ler boa literatura é ainda aprender o que e como somos - em toda a nossa humanidade, com nossas ações, nossos sonhos e nossos fantasmas -, tanto no espaço público como na privacidade de nossa consciência. Esse conhecimento se encontra apenas na literatura. Nem mesmo os outros ramos das ciências humanas - a filosofia, a história ou as artes - conseguiram preservar essa visão integradora e um discurso acessível ao leigo, pois também eles sucumbiram ao domínio da especialização.

O elo fraternal que a literatura estabelece entre os seres humanos transcende todas as barreiras temporais. A sensação de ser parte da experiência coletiva através do tempo e do espaço é a maior conquista da cultura, e nada contribui mais para renová-la a cada geração do que a literatura.

O que a literatura deu à humanidade, então?

Um de seus primeiros efeitos benéficos ocorre no plano da linguagem. Uma sociedade sem literatura escrita se exprime com menos precisão, riqueza de nuances, clareza, correção e profundidade do que a que cultivou os textos literários.

Uma humanidade sem romances seria muito parecida com uma comunidade de gogos e afásicos. Isso também vale para o indivíduo. As pessoas que nunca lê, lê pouco ou lê apenas lixo pode falar muito, mas vai sem dizer pouco, porque dispõe de um repertório mínimo de palavras para se expressar.

Não se trata de uma limitação somente verbal, mas também intelectual, uma indigência de ideias e conhecimento, porque os conceitos pelos quais assimilamos a realidade não são dissociados das palavras que nossa consciência usa para reconhecê-los e defini-los. Nenhuma disciplina substitui a literatura na formação da linguagem. O conhecimento transmitido por manuais técnicos e tratados científicos, é fundamental, mas eles não nos ensinam a nos exprimir corretamente. Ao contrário, com frequência são mal escritos porque os autores, às vezes expoentes indiscutíveis em sua profissão, não sabem transmitir seus tesouros conceituais.

Outro motivo para se conferir à literatura um lugar de destaque na vida das nações é que, sem ela, a mente crítica - verdadeiro motor das mudanças históricas e melhor escudo da liberdade - sofreria uma perda irreparável. Porque toda boa literatura é um questionamento radical do mundo em que vivemos. Qualquer texto literário de valor transpira uma atitude rebelde, insubmissa, provocadora e inconformista.

A literatura apazigua essa insatisfação existencial apenas por um momento, mas nesse instante milagroso, nessa suspensão temporária da vida, somos diferentes: mais ricos, mais felizes, mais intensos, mais complexos e mais lúcidos. A literatura nos permite viver num mundo onde as regras inflexíveis da vida real podem ser quebradas, onde nos libertamos do cárcere do tempo e do espaço, onde podemos cometer excessos sem castigo e desfrutar de uma soberania sem limites. Como não nos sentirmos enganados depois de ler "Guerra e Paz" ou "Em Busca do Tempo Perdido" e voltar a este mundo de detalhes insignificantes, obstáculos, limitações, barreiras e proibições que nos espreitam de todo canto e em cada esquina corrompem nossas ilusões?

Quer dizer, a vida imaginada dos romances é melhor: mais bonita e diversa, mais compreensível e perfeita. Talvez seja esta a maior contribuição da literatura ao progresso: lembrar que o mundo é malfeito, e que poderia ser melhor, mais parecido com o que a imaginação é capaz de criar.

A sociedade livre e democrática requer cidadãos responsáveis, críticos, independentes, difíceis de manipular, em constante eferescência espiritual e ciente da necessidade de examinar continuamente o mundo em que vivemos, para tentar aproximá-lo do mundo em que gostaríamos de viver.

Sem insatisfação e rebeldia, ainda viveríamos em estado primitivo, a história teria parado, o indivíduo não teria nascido, a ciência não teria alçado vôo, os direitos humanos não teriam sido reconhecidos e a liberdade não existiria. Tudo isso nasce dos atos de desafio a uma vida que se mostra insuficiente ou intolerável. Para esse espírito que despreza a vida como ela é - e, com a insensatez de Dom Quixote, tenta tornar o sonho realidade -, a literatura serve de magnífica espora. A verdade é que o desenvolvimento da mídia audiovisual - que ao mesmo tempo em que revoluciona as comunicações monopoliza cada vez mais o tempo que dedicamos ao lazer, relegando a leitura a segundo plano - permite-nos imaginar para um futuro próximo uma sociedade moderníssima, repleta de computadores, telas e microfones, mas sem livros.

Temo que esse mundo cibernético seja profundamente incivilizado, sem espírito, apático - uma resignada humanidade de robôs.

Evidentemente, é muito improvável que essa terrível perspectiva venha algum dia a se concretizar. Não existe um destino que decida por nós o que vamos ser. Depende de nosso discernimento e de nossa vontade que essa utopia macabra se realize ou se apague.

Se quisermos evitar o desaparecimento dos romances - ou sua restrição ao sótão dos objetos inúteis - e com isso o desaparecimento da própria fonte que estimula a imaginação e a insatisfação, que refina nossa sensibilidade e nos ensina a falar com eloquência e precisão, que nos torna livres e nos garante uma vida mais rica e intensa, então devemos agir. Precisamos ler bons livros e incitar à leitura os que vêm depois de nós.